

# **Libas Furiosa**

**Um conto de Helena Sardinha  
com ilustrações de Guilherme Pinto**

**Edição de Ângela Correia e estudantes  
da Faculdade de Letras da UL**

**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

**Lisboa  
2015**



Helena Sardinha

Libas Furiosa

Guilherme Pinto

**Chegou, visivelmente cansado, cabelo fino e fissuras na pele, balançando sobre um cavalo branco. Trazia uma saca maltratada ao colo, e sorriu quando me ouviu.**

**- Ao que vens nesta terra, estrangeiro? -  
Baixou a cabeça com compassiva serenidade.  
Pus a arma em riste.**

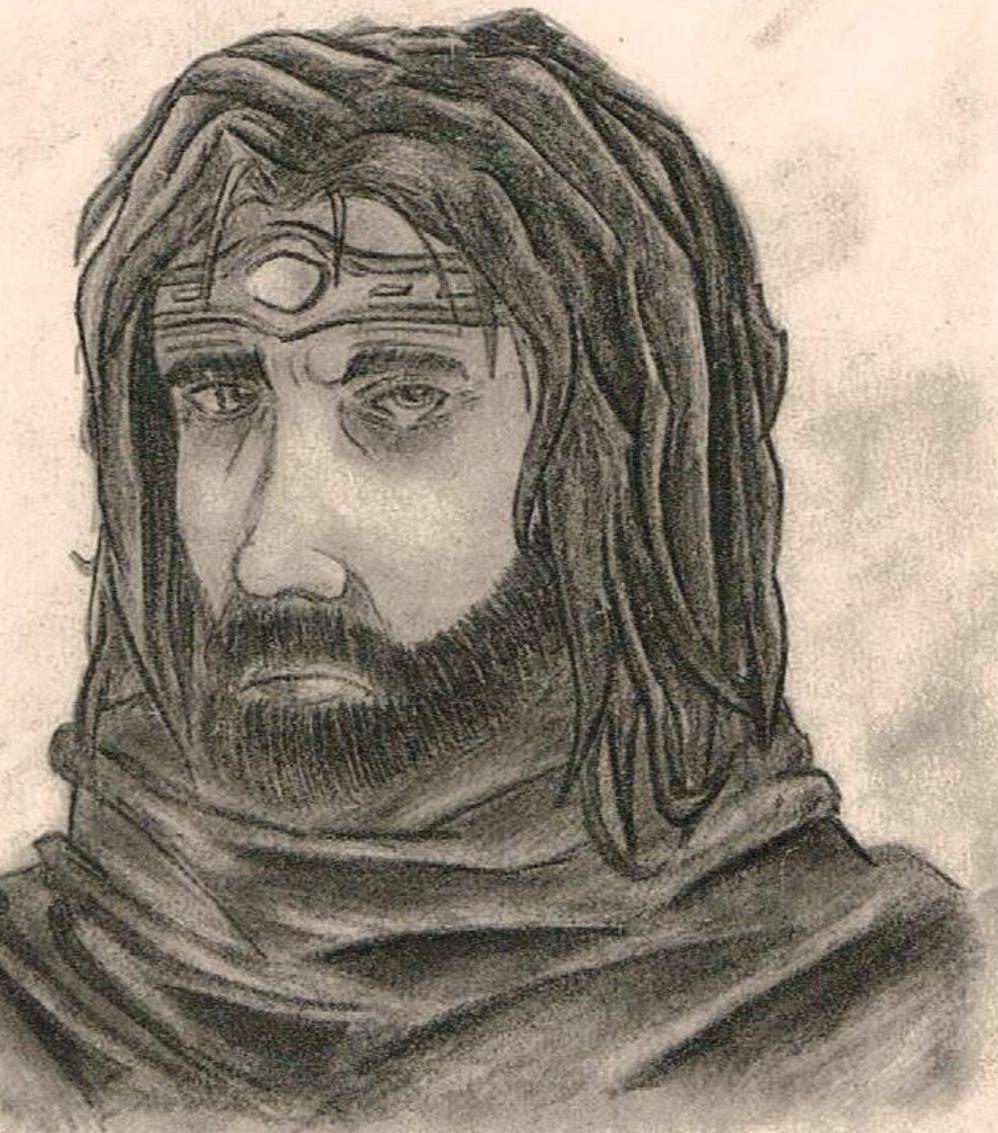
**- Não sou estrangeiro, amigo. Parti há muito tempo e há muito tempo que regresso. - Saltou do animal segurando a encomenda. - Os caminhos trazem-me finalmente a casa. - Olhou longamente as muralhas atrás de mim, cujas saias se cobriam de heras.**

**- Sim, conheci bem estes portões, meu amigo, ainda os conheço bem. Reconhecê-los-ia de olhos fechados.**

**Quando o levei à assembleia de anciões, vi com desconfiança a troca de olhares na sala. Alguns velhos curvavam-se, como se o conhecessem, outros estendiam o corpo ao abraço e todos pareciam aceitar o estrangeiro, sem as reservas naturais em homens tão cautelosos.**

**Aqueles que de entre vós conhecem a história de Libas talvez adivinhem as proporções do meu tremendo erro.**





Guilherme Pinto

*Libas Furiosa*

Helena Sardinha

**Contar-vos-ei o mistério do desaparecimento da cidade de Libas, tal como o vi, para que possam ter todos os dados requeridos ao julgamento mais justo e esquecer as mentiras que por aí tenho ouvido propagar.**

**Tudo se passou no reinado de Aristides, o Desgraçado, há muitos anos, ainda eu era moço rosadinho e rechonchudo, guardando as portas da cidade. Ora, tendo sabido da chegada do retornado, dizia eu, o bom rei convidou-o para o palácio, e ofereceu-lhe de carne e vinho, antes de ouvi-lo.**

- Diz-me, amigo, que trazes tu a esta terra onde afirmas teres nascido? - começou Aristides, do alto do seu imenso trono, forrado de opalas grandes e brilhantes, parecidas com a sombra de muitos olhos. O homem, humildemente sentado no chão, sorriu para a pequena saca esfarrapada no seu colo.

- Trago-lhe um presente que oferecerá fama imortal a Libas, um tesouro que deve guardar e que lhe foi concedido por razão da graça do velho rei Ariosto, para quem também trago palavras de honra, aqui, hoje, ao vosso lado. - Apertou a saca.

Guilherme Pinto

Libas Furiosa

Helena Sardinha





Helena Sardinha



Libas Furiosa



Guilherme Pinto



**- Saiba que este não é um privilégio levemente granjeado e que só vo-lo entregam porque adivinham em vós a excelência de que fez prova o seu pai e o nosso povo.**

**Aristides cerrou os olhos curiosos e caminhou lentamente até à altura do estrangeiro, arrancando-lhe a saca do colo com um movimento rápido da mão empedrada de rubis. Ainda não sabia que ali se guardava um terrível futuro, já tão esperado quanto viria a ser, a partir daquele momento e para sempre.**

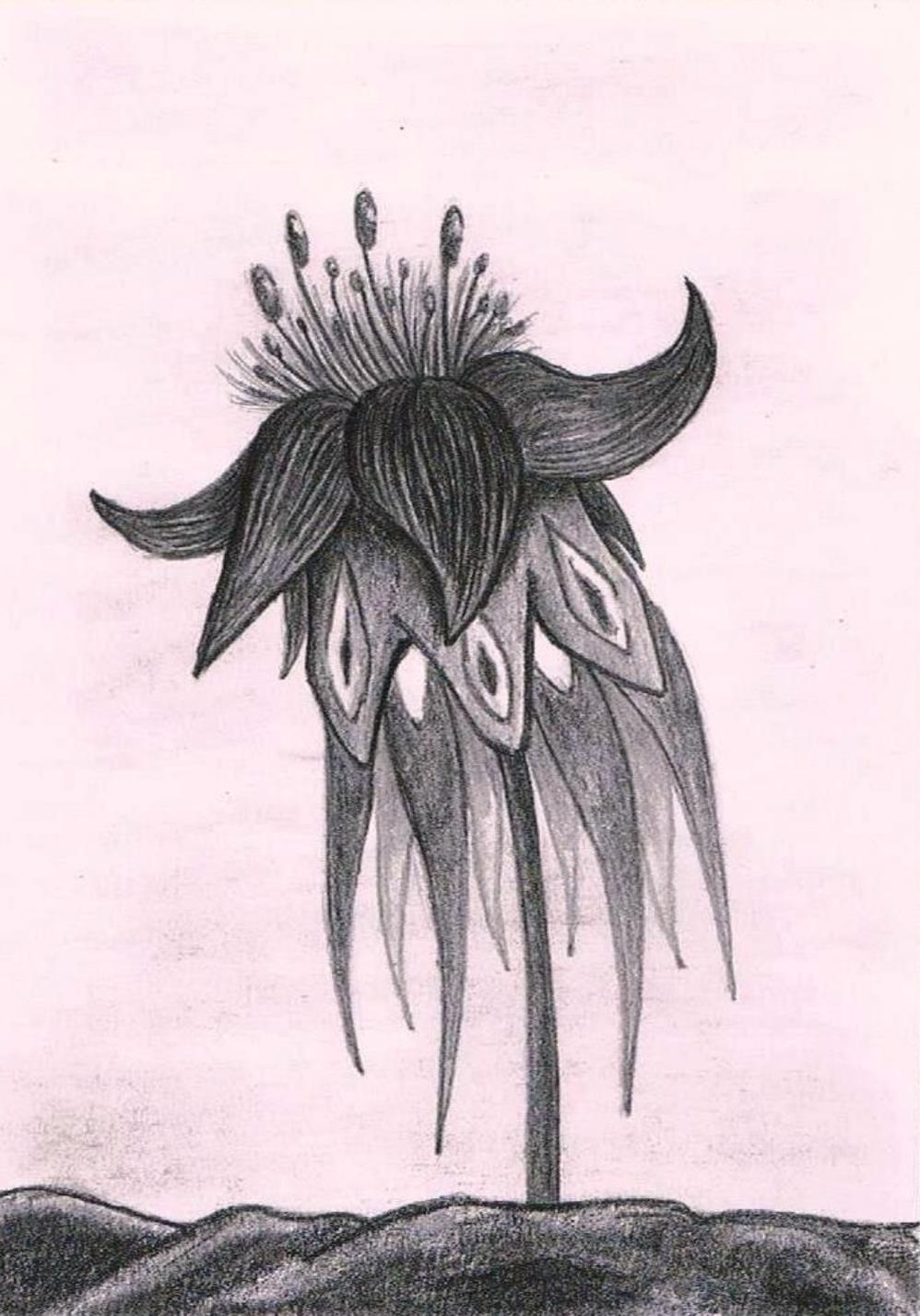
**Uma luminosidade fumosa pareceu evolar-se, quando Aristides enterrou a cara na saca.**

**Depois de emergir, repetiu o movimento duas vezes e, à terceira, todos compreenderam, e disseram entre si: o rei está espantado.**

**Caminhando rapidamente na imensa sala, procurava dar sentido às palavras do homem, que partira sem que ninguém notasse, depois do movimento leonino do rei.**

**Estava uma noite clara e os homens mais importantes da cidade foram acordados e trazidos ao palácio; alguns deles ainda de vestido leve, roçando a sandália. O tesouro foi colocado no lugar normalmente ocupado pelo rei, no centro de uma enorme circunferência desenhada no chão.**





Helena Sardinha

Libas Furiosa

Guilherme Pinto

**Todos sussurravam, e muitos soltavam suspiros agastados ao verem os outros em roupa de dormir.**

**- Amigos, não se impacientem. Reuni-vos aqui, porque vos creio os mais capazes de Libas. Anciões, melhor gente do meu reino, disponho-me a partilhar convosco um maravilhoso tesouro.**

**Sem se alongar, retirou o pano de sobre o objeto da sua admiração, surgindo da sombra do tecido grosseiro uma flor cor de prata, de pé enterrado no que parecia ser areia dourada.**

**A exuberância do conjunto era inegável e nem os mais cínicos puderam secar os olhos, tal era a comoção despertada por aquela pequenina obra dos deuses.**

**8**

**- Caros concidadãos - começou o ancião mais respeitado entre todos - fomos abençoados por não sei que vontade divina... - A voz fraquejou - Agora temos o dever de prestar homenagem aos deuses, mostrando ao povo a grandeza que é dele. - A assembleia aplaudiu.**

**- Proponho que a coloquemos na praça da cidade, protegida por uma redoma de vidro e que deixemos lugar à frente dela para as**

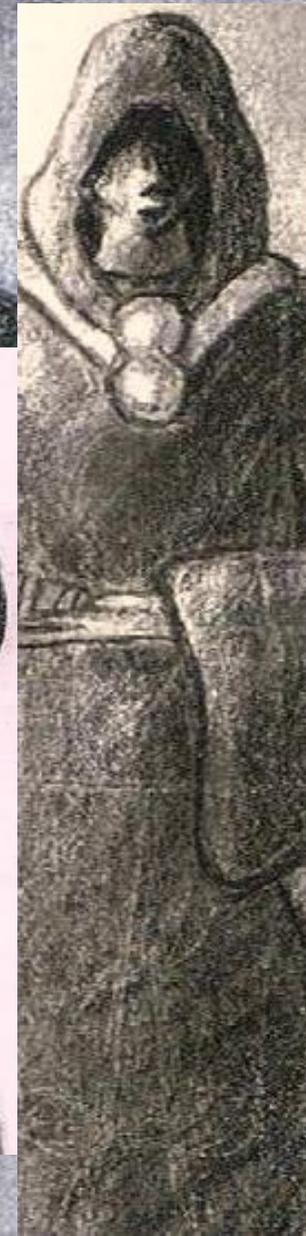
Guilherme Pinto



Libas Furiosa



Helena Sardinha





Helena Sardinha



Libas Furiosa



Guilherme Pinto

**oferendas devidas a tão grande graça. – Todos concordaram e Aristides fez tratar dos preparativos o mais rapidamente que pôde.**

**Uma sombra cor-de-rosa pendia sobre as ruas brancas da cidade, quando, ao fim da tarde, as pessoas se apressaram para assistir ao discurso do rei, empurrando-se com os cotovelos e ralhando com os vizinhos que não se calavam; ainda não estava Aristides à boca da varanda de onde sempre falava.**

**– Cidadãos, atenção! Cidadãos, atenção, por favor, o rei fala – disse uma voz estridente de jeitos pomposos.**



Depois do discurso de Aristides e da revelação do tesouro, a euforia dominou a multidão reunida à volta dele, que se precipitou sobre o vidro; era tal o êxtase que alguns perderam a vida debaixo dos muitos pés em reboiço. Tudo era supérfluo se pudessem contemplar a maravilha de Libas, o símbolo da magnificência dos deuses e da superioridade daquela terra. Sim, eram eles que conheciam a Beleza incarnada, era ao povo de Libas que os deuses tinham concedido conhecer uma flor dos jardins do Olimpo. Revelada a maravilha à cidade, muitos se ajoelharam, descarnando os joelhos exangues.

10



Guilherme Pinto

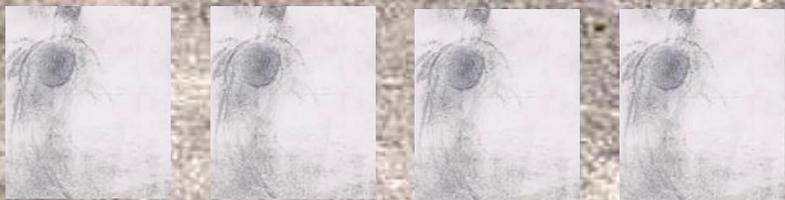


Libas Furiosa

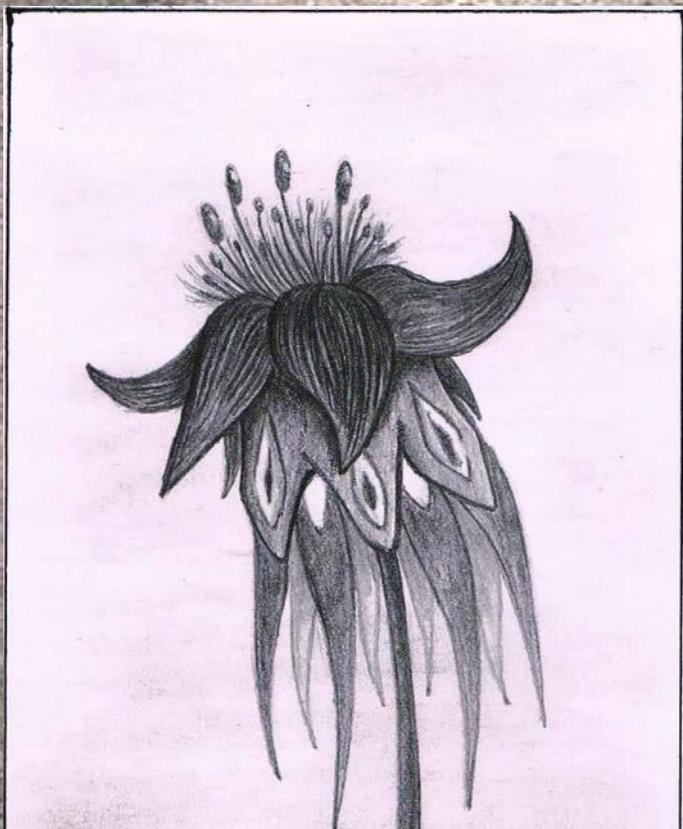


Helena Sardinha





Helena Sardinha



Libas Furiosa

Guilherme Pinto

**Entre a multidão gritante, malgrado a consolação oferecida, os mais sôfregos atiravam-se contra a campânula de vidro, deixando-se cair de cara e corpo colados ao material lustroso. E assim como o leão se atira contra o outro que lhe cobiça a comida, assim se atiraram os guardas reais sobre os irmãos, rechaçando os intentos mais nobres com o despudor próprio dos animais enraivados. Quanto ao resto da história, amigos, poupo-vos à lembrança dos pormenores mesquinhos. Nunca mais a vi. Devem saber que foi levada para o monte mais alto da cidade, até onde**

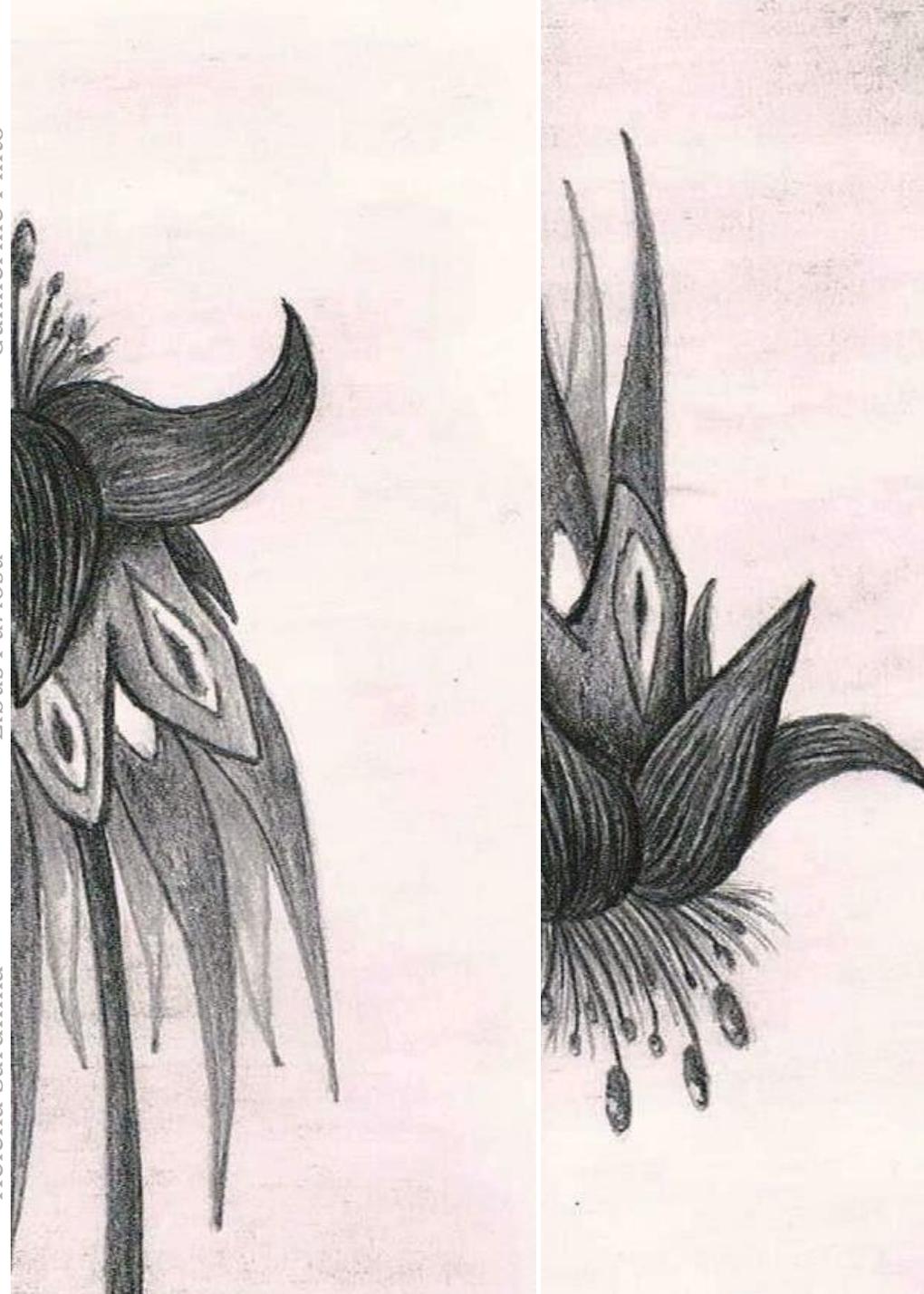
subiam as filas de burros carregados com água para a saciar.

Devem saber que começou a morrer lentamente, tornando-se baça depois de - diz quem viu - ter crescido em altura e Beleza. Foi isto antes da decadência final de Libas, da secura dos campos e da chuva miudinha sobre as cabeças. Diziam que começou por morrer de inveja de si própria, e de horror aos espelhos que depois colocaram à volta dela, para que não visse a decadência dos campos, a secura final e a chuva miudinha sobre as cabeças molhadas.

Helena Sardinha

Libas Furiosa

Guilherme Pinto





**No centro da cidade e nos arredores, todos se condoeram e procuraram agradar às Vontades revoltas que assim os condenavam. Tentavam conter a fúria jorrante que lhes fretava o rejúbilo e os enlutava, limpando os campos, e queimando os melhores víveres em gigantescas fogueiras, enquanto dançavam agachados junto da terra.**

**Até Aristides sacrificou o primeiro filho homem que lhe nasceu, depois de procurada a melhor solução junto dos anciões sem oráculo. Começava a Primavera quando Ariosto nasceu; lembro-me de ver as primeiras flores, ainda meio encaracoladas e voltadas para dentro.**

**Entraram, por ordem do dedo de Aristides, dois homens vestidos de preto, com colares de ouro cinzelado. Oriana chorava alto, em agonia. Depositaram o bebé num berço coberto de minúsculos topázios em fileira.**

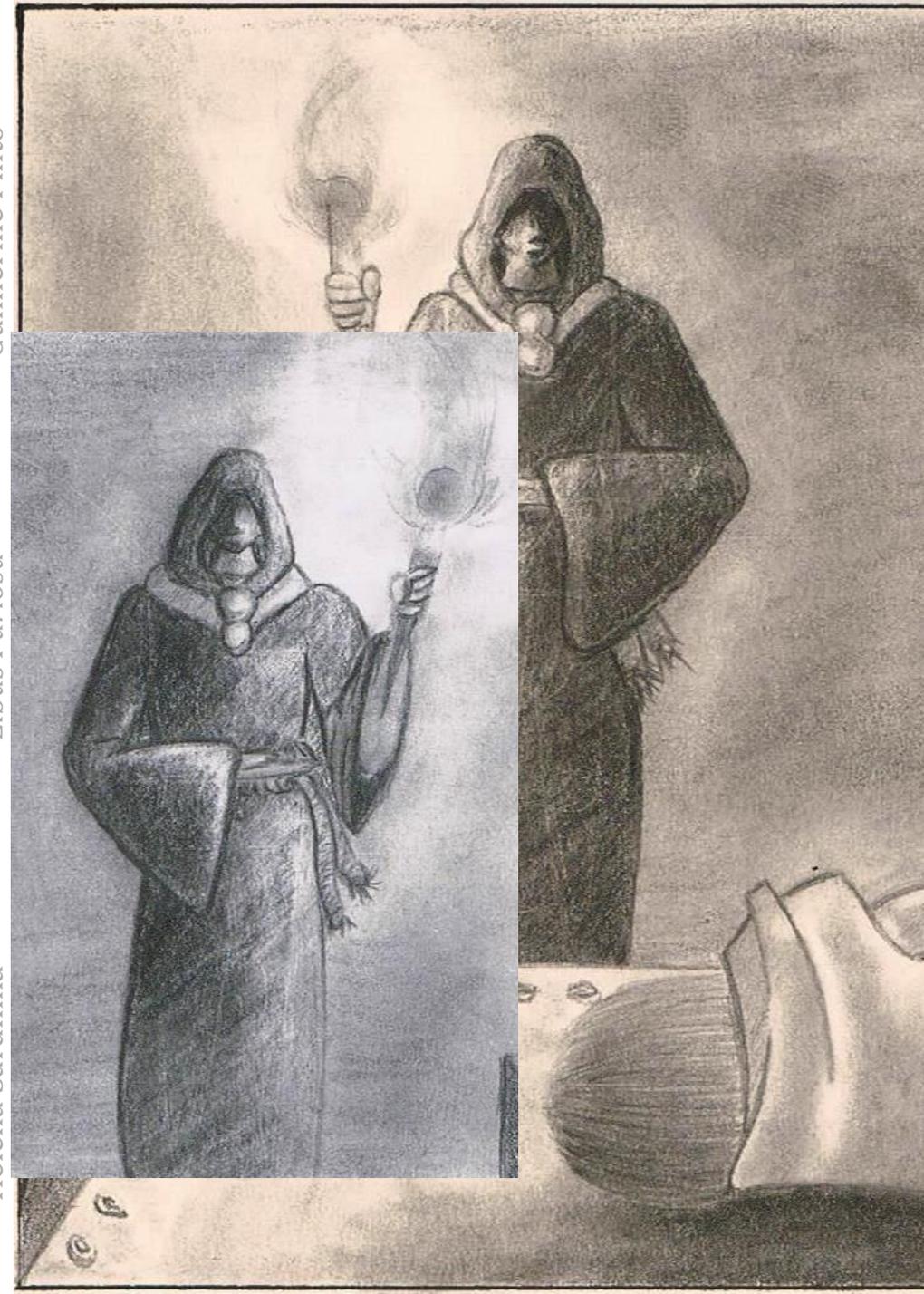
**Ariosto ia sorrindo, com a cara colorida a folha de ouro e um pequeno ponto branco na testa. Brilhava intensamente sob o archote, e atiraram-no ao rio cujas margens tinham sido decoradas com fogo.**

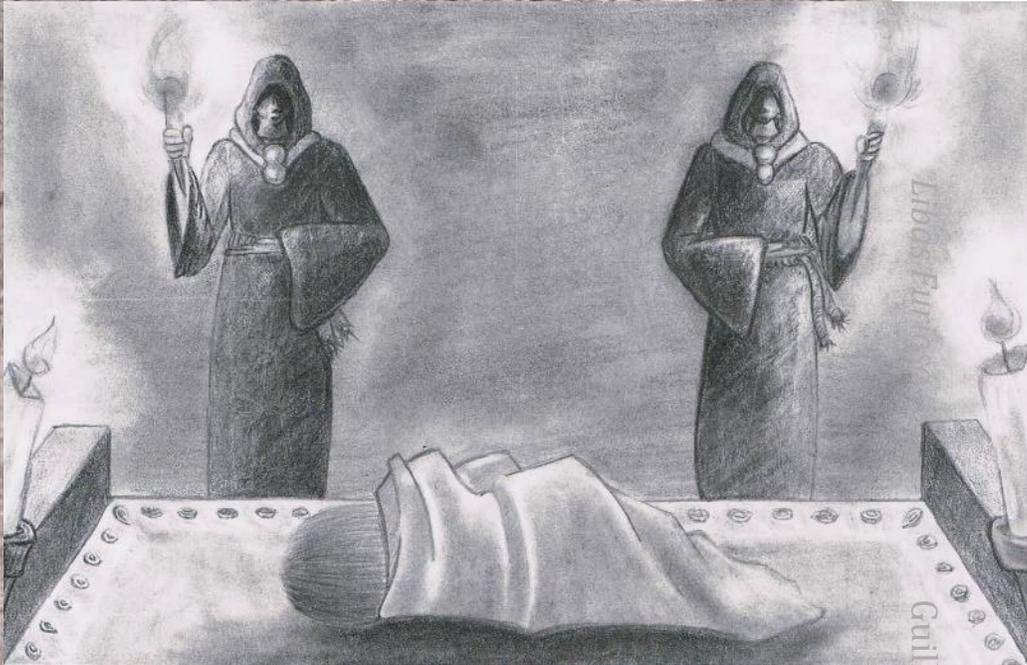
**O destino de Libas ficou decidido assim que a flor morreu. Aristides envelhecera 70 anos numa década, e a culpa por apontar não**

Guilherme Pinto

Libas Furiosa

Helena Sardinha





**deixava de lhe perseguir os sonhos desgraçados, ainda quando os outros começavam a esquecer.**

**Que Graça tinha sido aquela, de riso malvado, desperdiçando os nobres esforços daquela gente? Que quereriam os deuses dele senão escarnecer do desejo mais puro, da melhor vontade, do maior sacrifício?**

**Na cerimónia fúnebre, um rei empequenecido ordenou que tingissem as ruas de negro e determinou que todas as flores fossem arrancadas anualmente, até que percesse o rei. Os que permaneceram depois de tamanha**

**impiedade, viram as carruagens partindo e as heras apodrecendo, até que o cadáver de Aristides – ainda segurando o cruel dedo em direção ao rio – foi queimado e as cinzas enterradas sob a terra tornada inane.**

**16**

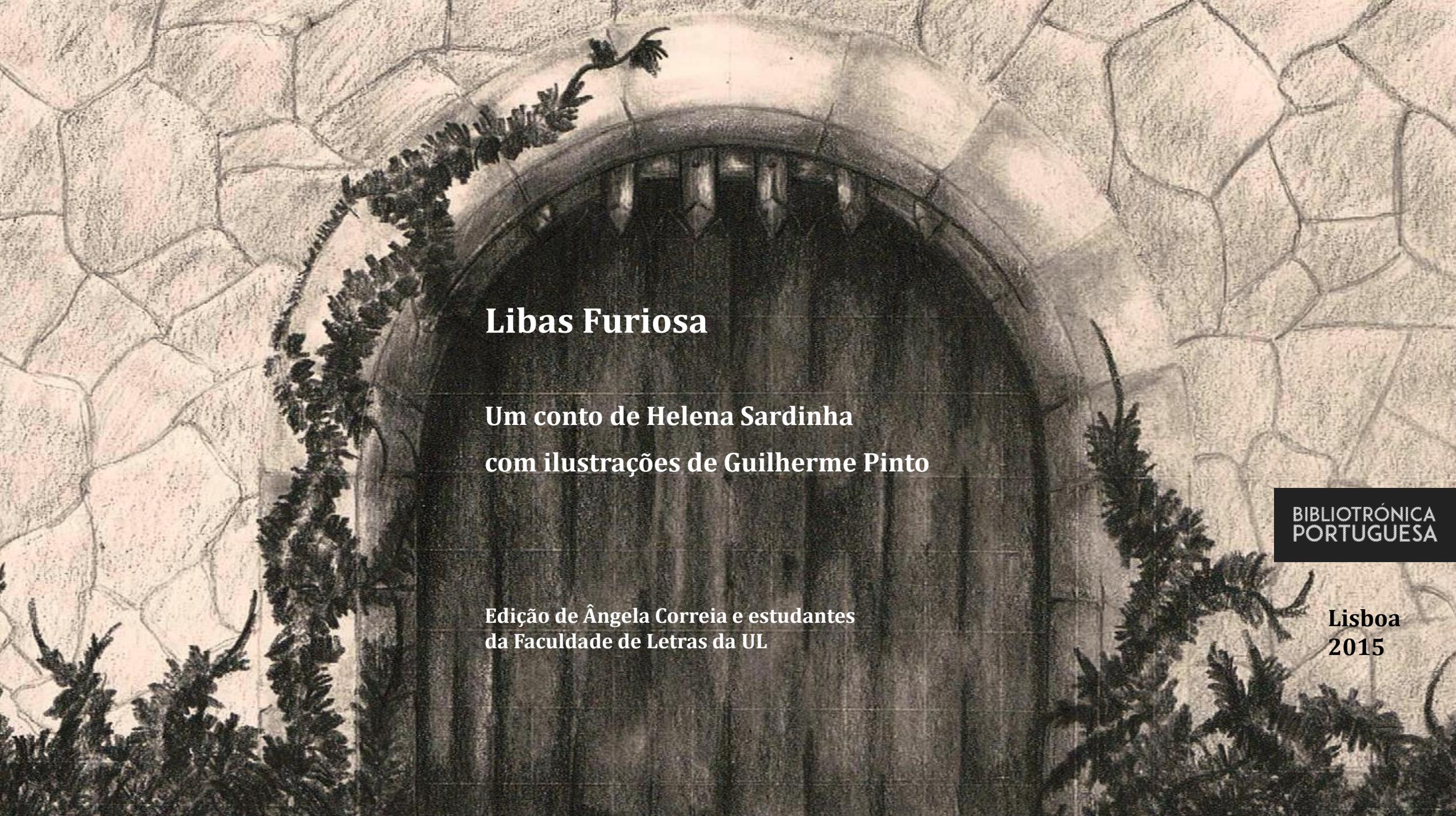
**Quanto aos motivos, nunca ninguém soube por que pereceu a Beleza incarnada. Há quem culpe a soberba de Aristides, há quem diga que foi a arbitrariedade jocosa dos deuses, e há quem pense que sempre morre alguma coisa bonita em qualquer lado e que a consolação está em elas voltarem a nascer.**

Helena Sardinha

Libas Furiosa

Guilherme Pinto





# **Libas Furiosa**

**Um conto de Helena Sardinha  
com ilustrações de Guilherme Pinto**

**Edição de Ângela Correia e estudantes  
da Faculdade de Letras da UL**

**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

**Lisboa  
2015**